

Aquisição de padrões de resposta a interrogativas globais em Português Europeu

Ana Lúcia Santos
FLUL

Neste artigo*, que sintetiza uma participação na mesa redonda "Hierarquias em Aquisição", pretendo (i) avaliar possibilidades de análise de respostas mínimas em Português Europeu (PE), tendo em conta dados do processo de aquisição e (ii) relacionar a ordem de sucessão de estádios identificada com hierarquias sintácticas (afectando projecções funcionais e traços).

1. Padrões de resposta a interrogativas globais em PE

Em PE são possíveis vários padrões de resposta mínima a interrogativas globais, entendendo-se aqui por resposta mínima aquela que é composta pelo número mínimo de palavras possível naquele contexto:

- (1) Ele encontrou a chave?
 - a. Sim. – resposta SIM
 - b. Encontrou. – resposta verbal
 - c. É. / Foi. – resposta SER

Adicionalmente, caso a interrogativa apresente em posição pré-verbal um advérbio de um determinado conjunto (*só, apenas, talvez, quase, já, também, até, ainda e sempre*), é possível obter um padrão de resposta adverbial (cf. 2d).

- (2) Ele já encontrou a chave?
 - a. Sim.
 - b. Encontrou.
 - c. É. / Foi.
 - d. Já. – resposta adverbial

2. Para uma descrição dos diferentes padrões de respostas mínimas em PE

Embora dados como os apresentados em (1) possam fazer parecer os diferentes padrões de resposta mínima (com excepção do adverbial) como sintacticamente equivalentes, há dados que mostram que respostas SIM ou SER não são sintactica-

* Agradeço à Profª Doutora Inês Duarte a discussão deste trabalho.

mente equivalentes a respostas verbais. Há ainda dados que permitem mostrar claramente que os diferentes padrões de resposta adverbial não são, também eles, sintacticamente equivalentes. Esta descrição encontra-se já parcialmente em Santos (2001) e será aqui desenvolvida¹.

2.1. Uma resposta SIM ou SER não é sintacticamente equivalente a uma resposta verbal.

Os factos enunciados de seguida mostram que os contextos de ocorrência de respostas SIM e SER são menos restritos que os contextos de ocorrência de respostas verbais. A diferença entre os dois tipos de resposta será estabelecida, como se verá, em termos sintácticos.

(i) em casos típicos de focalização identificacional (e.g. estruturas com *só* ou *clivadas* – cf. Kiss, 1998), a resposta verbal é impossível se o operador de focalização ocupar uma posição pré-verbal.

(3) P: O João só estudou?
R: Sim. / Foi. / Só. / *Estudou.

(4) P: Foi no cinema que a Maria desmaiou?
R: Sim. / Foi / É. / *Desmaiou.

(ii) em contextos discursivos alargados, uma confirmação com SIM ou SER não tem uma interpretação necessariamente equivalente a uma confirmação verbal.

(6) X: Eles são maus porquê?
Y: Comem bananas.
Z: Comem. / É. / Sim.
Comem. = 'É verdade que eles comem bananas.'
É / Sim. = 'É verdade que eles comem bananas.' ou 'É verdade que eles são maus porque comem bananas'.

Assumindo-se *c-comando* como a noção que permite definir relações de escopo e assumindo-se que o material recuperado na resposta é o que se encontra sob *c-comando* da categoria lexicalmente preenchida, a não equivalência entre respostas verbais e respostas com SIM ou SER corresponderá a uma não equivalência de estruturas sintácticas: SIM / SER parecem encontrar-se numa posição mais alta do que a posição ocupada pela resposta verbal e assim se explicará que permitam recuperar, na resposta, material mais alto.

¹ Em Santos (em preparação), estabelece-se a distinção entre respostas SIM e SER em termos discursivos e pragmáticos.

2.2. Respostas de SIM ou SER bem como respostas verbais não são sintacticamente equivalentes a respostas adverbiais.

Vários factos servem para mostrar que as respostas adverbiais não são equivalentes nem a respostas verbais nem a respostas SIM ou SER. Vejam-se em primeiro lugar diversos factos que permitirão distinguir o comportamento sintáctico de (pelo menos algumas) respostas adverbiais do comportamento de respostas verbais.

O contexto em (3), aqui repetido, permite mostrar que, em PE, a distribuição de respostas adverbiais que envolvem estruturas de focalização identificacional não é equivalente à distribuição de respostas verbais.

- (5) P: O João só estudou?
R: Sim. / Foi. / Só. / *Estudou.

Por outro lado, se tivermos em conta as possibilidades de ocorrência de respostas adverbiais e verbais noutras línguas, veremos que em muitos casos a gramaticalidade de umas não implica a gramaticalidade de outras:

(i) em castelhano, são possíveis algumas respostas adverbiais, mas não são possíveis respostas verbais.

- (6) P: Pedro también ha hecho el trabajo?
R: También.

- (7) P: Pedro ya ha hecho el trabajo?
R: Ya.

- (8) P: Pedro hizo el trabajo?
R: *Hizo. / Sí.

(ii) em inglês, são possíveis respostas verbais mas não são possíveis respostas adverbiais:

- P: Did you also go to the party?
R: *Also. / (Yes) we did.

Veja-se agora que outro tipo de factos pode provar a não equivalência sintáctica entre respostas adverbiais, por um lado, e respostas SIM e respostas SER, por outro:

(i) em contextos discursivos alargados, uma confirmação com SIM ou SER não tem uma interpretação necessariamente equivalente a uma confirmação adverbial:

- (10) X: Eles são maus porquê?
Y: Só comem bananas.
Z: Só. / É. / Sim.

Só. = 'É verdade que eles só comem bananas.'

É / Sim. = 'É verdade que eles só comem bananas.' ou 'É verdade que eles são maus porque só comem bananas'.

(ii) línguas que não permitem respostas adverbiais permitem respostas com SIM (cf. inglês, francês).

(11) P: Did you also go to the party?

R: Yes. / *Also.

(12) P: As-tu mangé seulement une pomme?

R: Oui. / *Seulement.

2.3. O grupo das respostas adverbiais não é um grupo sintacticamente homogéneo.

O facto de, em PE, nem todas as respostas adverbiais terem o mesmo tipo de distribuição pode ser tomado como um argumento a favor da sua não equivalência sintáctica. Na verdade, enquanto algumas respostas adverbiais não ocorrem nos mesmos contextos que respostas verbais (cf. resposta usando *só* em 5), outras respostas adverbiais partilham contextos de ocorrência com respostas verbais (cf. resposta usando *já* em 2). A distribuição das diferentes respostas adverbiais pelos dois grupos assim definidos encontra-se no quadro abaixo (em todos os casos, foram considerados apenas contextos em que o advérbio ocorre na pergunta em posição pré-verbal, por ser esse o contexto natural de indução de resposta adverbial):

I – Indução de resposta adverbial e verbal por advérbios em posição pré-verbal

• resposta adverbial possível • resposta verbal excluída	• resposta adverbial possível • resposta verbal possível
Só Talvez Quase	Já Também Até Ainda Sempre (<i>temporal</i>)

3. Consequências para a avaliação de análises disponíveis

Martins (1994 / 1996) apresenta uma possibilidade de análise de respostas mínimas em PE. A autora assume que as respostas mínimas a interrogativas globais envolvem sempre ΣP (projecção funcional relacionada com operadores de valor de verdade, como em Laka, 1990, e que pode ser instanciada como Neg(ação), Af(irmação) ou F(oco)). No quadro desta análise, o único elemento lexicalmente

realizado nestas respostas é o elemento realizado no núcleo de ΣP (que, em PE, teria traços V-fortes, o que explicaria o movimento obrigatório de V para Σ), sendo as respostas verbais instâncias de elipses de VP legitimadas por Σ forte. Importa ainda notar que, sendo Martins (1994 / 1996) um trabalho essencialmente centrado na distribuição de clíticos em PE, uma análise de respostas mínimas como a que aí é apresentada permite à autora explicar o padrão de ênclise do PE face aos padrões de próclise de outras línguas românicas como o Francês e o Castelhana, assumindo-se a ênclise em PE como consequência do movimento de V para Σ e assumindo-se, complementarmente, que os clíticos se encontram em AgrS, categoria dominada por Σ , no final da derivação.

Martins (1994/1996) não explora as consequências da sua análise no que diz respeito à relação entre respostas adverbiais e próclise induzida por advérbios. Essa possível extensão da análise é avaliada em Santos (2001). Retomaremos aqui este último trabalho.

Martins (1994 / 1996) analisa contextos de próclise induzida por advérbios, como em (13), como estruturas em que o advérbio ocupa [Spec, F(ocus)P], sendo FP uma instanciação de ΣP . FP não tem traços-V, não se movendo o verbo para o seu núcleo e obtendo-se, consequentemente, um padrão de próclise.

(13) O João *já* o viu.

Uma análise (como a que se encontra em Martins 1994/1996) que assume que o único elemento lexicalmente realizado em respostas mínimas é o que se encontra no núcleo de ΣP e que assume ainda que certos advérbios como *já*, proclisador e capaz de ocorrer em respostas adverbiais, se encontra no núcleo de FP, uma instanciação de ΣP , terá uma consequência evidente: em respostas adverbiais, o advérbio apareceria como resposta à interrogativa por se tratar do elemento que se encontra em ΣP ([Spec, ΣP]).

Retomando e desenvolvendo alguns dos argumentos em Santos (2001), será importante notar que uma análise como a de Martins (1994 / 1996) não dá conta de muitos dos factos enunciados em 2.

Em 2.1. enunciaram-se factos capazes de mostrar que as respostas SIM e SER não são sintacticamente equivalentes a respostas verbais, na medida em que *sim* e *é* ou *foi* em respostas SER ocupariam uma posição mais alta do que o verbo em respostas verbais, sendo *sim* e *é* ou *foi*, ao contrário do verbo em respostas verbais, capazes de recuperar, sob c-comando, todo o material lexicalmente realizado numa frase. Note-se que uma análise como a de Martins, que não distingue claramente as posições ocupadas pelo verbo em respostas a interrogativas globais e por *sim* ou *é* / *foi* no mesmo tipo de respostas, não permite explicar facilmente que o verbo em respostas verbais não seja capaz de recuperar material pré-verbal focalizado, ao contrário do que acontece com *sim* ou *é* / *foi*; além disso, sendo ΣP definido como uma projecção associada a valores de verdade, uma análise que assumia que o verbo

se encontra em Σ e que *sim* ou *é / foi* se encontram numa projecção mais alta forçaria ainda a que se considerasse que, em PE, o verbo, mas não *sim* e *é* ou *foi* em respostas SER, se encontra na projecção associada a valores de verdade.

Contudo, o que torna a análise de Martins (1994/1996) mais difícil de manter é a relação que estabelece entre a análise da distribuição de clíticos em PE e os padrões de resposta mínima na mesma língua. Como se mostrou, uma análise deste tipo levará a estabelecer uma relação clara entre a derivação de próclise induzida por advérbios e a derivação de respostas adverbiais.

Na realidade, se se assumir, como Martins, que em respostas mínimas a interrogativas globais o único elemento realizado é aquele que se encontra no núcleo de ΣP , não se explica o facto de, quando a interrogativa envolve advérbios como *já* ou *também*, a resposta adverbial ter o mesmo estatuto de gramaticalidade que a resposta verbal. Por outro lado, se se mantém que o único elemento realizado em respostas mínimas a interrogativas globais é o que se encontra no núcleo de ΣP e que FP, projecção em que se encontram os advérbios proclisadores, é uma instanciação de ΣP , não é possível explicar que nem todos os advérbios proclisadores possam ocorrer como resposta a interrogativas globais – o quadro abaixo dá conta do comportamento de advérbios indutores de próclise em respostas a interrogativas globais.

II – advérbios que induzem próclise e seu comportamento em RM adverbiais

Não frequentes em interrogativas	Não ocorrem como resposta adverbial	Podem ocorrer como resposta adverbial
Assim Bem Mal Cá	Lá Sempre (não temporal)	Só, até, sempre (temporal), quase, talvez, já, também, ainda

Finalmente, uma análise que relacione directamente a derivação de respostas adverbiais com a derivação de próclise induzida por advérbios não explica que a próclise induzida por advérbios esteja a desaparecer em PE, ao contrário do que acontece com as respostas adverbiais.

Como hipótese de trabalho, reteremos, de Martins (1994), a ideia de que as respostas verbais são elipses de VP. Note-se que, tal como as elipses em outros contextos (cf. estruturas de coordenação), as respostas verbais obedecem ao Parallelism Requirement de Chomsky & Lasnik (1993), na medida em que a possibilidade de ocorrência de uma resposta verbal depende da quantidade de material que é possível recuperar na resposta:

- (14) “The constraint PR requires that the second conjunct be interpreted in the same way as the first” [Chomsky & Lasnik (1993: 125)]

Assumiremos, além disso, como em Cyrino & Matos (2002), que o verbo em elipses de VP se encontra em T (como consequência de movimento curto do verbo em Português, de acordo com Costa, 1996). Assim, *sim* em respostas a interrogativas globais encontrar-se-á numa projecção na periferia esquerda, eventualmente Σ , e *é / foi* em respostas SER ocupará a mesma posição. Note-se, como argumento adicional a favor do tratamento de *é / foi* como diferentes de formas verbais plenas, que a resposta SER utiliza formas fixas (*é / foi*), não sendo sequer o tempo do verbo na pergunta necessariamente conservado no verbo da resposta:

(15) P: O João desistiu do curso?

R: Foi. / É.

4. Evidência a partir de dados da aquisição do PE como língua materna – um estudo de caso

Nesta secção, mostrar-se-á, a partir de um estudo de caso (Inês I: 1;7.2 – MLUw 1.44 a 3;11.12 – MLUw 3.84)², que o processo de aquisição do PE fornece evidência complementar que permite sustentar as hipóteses desenvolvidas na secção 3. Os mesmos dados permitirão levantar hipóteses sobre relações entre sucessão de estádios e organização hierárquica de (i) projecções funcionais e (ii) traços.

4.1. Emergência de respostas SIM e SER e de respostas verbais

Se mantivermos a hipótese de que SIM e SER envolvem uma estrutura diferente da que é activada em respostas verbais, podemos esperar que o processo de aquisição reflecta essa diferença. De facto, e como se observa no quadro III, é possível identificar claramente, nos dados de Inês I, três estádios no processo de aquisição de respostas a interrogativas globais: um primeiro estádio em que apenas são produzidas respostas verbais, um segundo estádio em que emergem os restantes tipos de respostas e em que as respostas SER atingem os seus valores mais elevados e um terceiro estádio em que as respostas SIM se generalizam e atingem valores de frequência mais próximos dos valores atingidos pelas respostas verbais. Note-se a este respeito que a prevalência de respostas verbais face a respostas SIM nos primeiros estádios não é devida à ausência, nas sessões, de contextos discursivos que permitam a ocorrência de SIM: ao contrário do que acontece com as respostas verbais, uma resposta SIM é possível para qualquer interrogativa global.

² Os dados aqui apresentados foram recolhidos, ao abrigo do projecto PCSH/C/LIN/524/93 do Laboratório de Psicolinguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, por Maria João Freitas (cf. Freitas, 1997). As transcrições das primeiras sessões foram parcialmente efectuadas por Maria João Freitas, tendo as restantes sido transcritas por Teresa Costa e por mim própria.

III. *Sucessão de estádios na aquisição de respostas SIM e respostas verbais (respostas a interrogativas globais e respostas a tags³):*

TIPO de R. M.	ESTÁDIO					
	Idade 1;7.2-1;8.2		1;9.19-2;1.10		2;2.1-3;11.12	
	N	%	N	%	N	%
Verbo	11	100	71	85.5	138	59.4
Sim	0	0	3	3.6	79	34
Adv	0	0	2	2.4	9	3.8
Ser	0	0	7	8.4	6	2.5
Total	11	83	232			

Estes dados permitem desde já uma primeira avaliação da hipótese de trabalho desenvolvida em 3: as respostas verbais são mais precoces do que as respostas SIM, o que corresponderá a um argumento a favor da hipótese de que uma resposta SIM não é sintacticamente equivalente a uma resposta verbal. Além disso, verifica-se que o surgimento das respostas SER é contemporâneo do aparecimento das primeiras respostas SIM, o que não contradiz a ideia de que as respostas SIM e SER envolvem o mesmo tipo de estrutura sintáctica⁴.

Finalmente, e estendendo o âmbito da análise, verifica-se que há um contraste entre a emergência das primeiras produções de respostas SIM e a emergência das primeiras respostas NÃO: enquanto as respostas SIM só ocorrem nos dados de Inês I a partir de 1;9.19, as respostas NÃO ocorrem desde os primeiros ficheiros e em números significativos.

³ Não há diferenças relevantes entre respostas a interrogativas globais e respostas a interrogativas tag no que respeita à frequência de ocorrência dos diferentes tipos de resposta.

⁴ Os dados de respostas a perguntas que envolvem estruturas em que um verbo está ausente, situações essas em que a resposta verbal não está disponível (cf. i), bem como os dados de confirmações (estruturas como em ii) confirmam que a emergência de respostas SIM é mais tardia do que a emergência de respostas verbais. Não se reproduzem aqui as tabelas com os dados quantificados por razões de espaço.

(i) P: O Luís?

R: Sim.

(ii) A Maria comprou três livros.

Comprou. / Sim. / Foi.

IV – Respostas NÃO

	Respostas a interrogativas globais	Respostas a interrogativas tag
1;7.2	12	4
1;8.2	1	0
1.9.19	8	3
1;10.29	23	1
2;1.10	7	0
2;2.1	10	0
2;3.8	2	0
2;4.19	13	1

Poder-se-ia pensar que este contraste seria possível apenas numa língua que, como o PE, dispõe de alternativa às respostas SIM; deve notar-se, contudo, que um contraste deste tipo também se verifica nos dados de algumas crianças que adquirem o Inglês, língua em que as respostas verbais não são tão naturais como em PE (cf. quadros V e VI). Na realidade, de acordo com uma hipótese em que SIM e NÃO ocupam a mesma projecção funcional, seria de esperar que o aparecimento dos dois tipos de resposta fosse coincidente, o que não acontece. A alternativa será considerar que ou (i) SIM e NÃO em respostas a interrogativas globais, pelo menos em PE, não ocupam necessariamente o mesmo núcleo funcional ou (ii) SIM e NÃO ocupam o mesmo núcleo funcional nesse tipo de respostas mas as primeiras ocorrências de NÃO correspondem a ocorrências de negação frásica ou de constituinte e, conseqüentemente, a uma estrutura elíptica legitimada pelo advérbio negativo. Deixaremos estas duas hipóteses em aberto.

V. Peter (*corpus* de Bloom, Hood & Lightbown, 1974 / Bloom, Lightbown & Hood, 1975; dados disponíveis na base de dados CHILDES – MacWhinney & Snow, 1985)

Age	No	Yes	Yeah	Yep
1;9.7	4	0	0	0
1;9.21	0	0	0	0
1;10.15	8	0	0	0
1;11.7	14	0	0	0
1;11.21	21	0	0	0
2;0.7	46	1	0	1
2;0.7	22	0	0	3
2;1.21	50	0	1	0
2;2.14	142	1	0	0

VI. Naomi (*corpus* de Sachs, 1983; dados disponíveis na base de dados CHILDES – MacWhinney & Snow, 1985)

Age	No	Yes	Yeah	Yep
1;2.29	0	0	0	0
1;6.16	19	1	2	0
1;8.0	15	0	0	0
1;8.6	15	0	0	0
1;8.29	8	0	0	0

Retomando agora a hipótese apresentada na secção 3, que assume que SIM e SER em respostas a interrogativas globais se encontram numa posição funcional mais alta do que o verbo no mesmo tipo de respostas, note-se que os dados do processo de aquisição de Inês I podem ser explicados se se assumir a activação mais tardia de projecções funcionais mais altas, o que significa que a organização hierárquica das projecções funcionais se reflecte no processo de aquisição. A emergência mais tardia de respostas SIM e SER corresponderia à emergência mais tardia de uma projecção funcional na periferia esquerda. Na verdade, com base em dados da aquisição do PE, Soares (no prelo) assume que uma projecção funcional alta, C, se encontra inactiva num primeiro estágio de aquisição (repare-se, no entanto, que a discussão sobre a aquisição de uma projecção relacionada com valores de verdade escapa à discussão clássica sobre presença / ausência de C nos primeiros estádios – veja-se, por exemplo, Meisel & Müller, 1992 ou Hyams, 1992).

4.2. Advérbios e respostas adverbiais

Mostrou-se na secção 2.3 que o grupo das respostas adverbiais não é sintacticamente homogéneo. De facto, e como se poderia esperar, os dados do processo de aquisição de respostas adverbiais em PE reflectem essa ausência de homogeneidade sintáctica. Como se pode concluir a partir da observação da tabela VII, e se tivermos apenas em conta os advérbios produtivos, as respostas com *já* são as primeiras a emergir, seguidas das respostas *também*, sendo as respostas com o advérbio *só* as mais tardias. Na realidade, a ordem de emergência dos diferentes advérbios em respostas adverbiais espelha a ordem de emergência dos mesmos advérbios em todos os contextos sintácticos, como se pode observar na tabela VII.

VI – Respostas a perguntas com advérbios que permitem resposta adverbial⁵

S (SIM); V (verbal); SER (SER); ADV (adverbial)

	Só	Apenas	Talvez	Quase	Já	Também	Até	Ainda	Sempre (temporal)
1;7.2									
1;8.2									
1.9.19	SER				ADV - 1	SER - 1			
1;10.29					ADV - 1				
2;1.10									
2;2.1	S - 1					S - 1			
2;3.8									
2;4.19	S - 1								
2;5.24					ADV - 1	ADV - 1			
2;7.16					ADV - 1	ADV - 1		V - 1	
2;8.23	V				ADV - 1				
2;10.20									
2;11.21					ADV - 1				
3;0.15									
3;2.2									
3;4.6									
3;5.28									
3;7.29	ADV								
3;10.1									
3;11.12									

⁵ O advérbio encontra-se em posição pré-verbal na pergunta, posição que induz tipicamente a resposta adverbial.

VII. Ocorrências (em todos os contextos) de advérbios que permitem respostas adverbiais⁶

	Só	Apenas	Talvez	Quase	Já	Também	Até	Ainda	Sempre (temporal)
1:6.6									
1:7.2		0	0	0			0	0	0
1:8.2		0	0	0			0	0	0
1.9.19		0	0	0			0	0	0
1;10.29		0	0	0			0	0	0
2;1.10		0	0	0			0	0	0
2;2.1		0	0	0			0	0	0
2;3.8		0	0	0			0	0	0
2;4.19		0	0	0			0	0	0
2;5.24		0	0	0			0	0	0
2;7.16		0	0	0			0	2	0
2;8.23		0	0	0			1 (?)	0	0
2;10.20		0	0	1			0	0	0
2;11.21		0	0	0			0	0	1
3;0.15		0	0	0			0	1	0
3;2.2		0	0	0			0	0	0
3;4.6		0	0	2			1	3	0
3;5.28		0	0	0			0	3	0
3;7.29		0	0	2			0	3	0
3;10.1		0	0	0			0	1	0
3;11.12		0	0	0			0	2	0

Tendo sido estabelecida uma escala que descreve a aquisição dos advérbios produtivos neste grupo, será necessário explicá-la. Embora não se pretenda, neste momento, avançar uma explicação acabada, podem-se levantar algumas hipóteses.

Note-se que a aquisição mais tardia dos advérbios *também* e *só* relativamente ao advérbio *já* pode significar que os advérbios que implicam uma leitura quantitativa são adquiridos mais tarde (veja-se López, 1999, que trata advérbios correspondentes, em Castelhana, a *só* e *também* como quantificadores de focalização ou de pressuposição). Por outro lado, a aquisição mais tardia de *só* relativamente a *também* poderá reflectir a aquisição tardia de um traço de exaustividade, presente em estruturas de focalização com *só*, e que Kiss (1998) considera característico de foco identificacional.

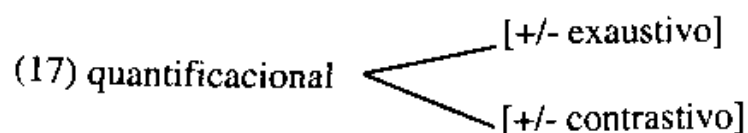
Na realidade, a definição de foco identificacional avançada por Kiss (1998) poderá ser um caminho para a compreensão desta hierarquia:

⁶ Os contextos de ocorrência aqui considerados incluem os considerados na tabela VI.

- (16) “An identificational focus represents a subset of the set of contextually or situationally given elements for which the predicate phrase can potentially hold; it is identified as the exhaustive subset of this set for which the predicate phrase actually holds.” (Kiss, 1998: 245)

Como se verifica em (16), Kiss (1998) define foco identificacional como uma operação de quantificação com leitura exaustiva. No entanto, ao longo do mesmo trabalho, a autora levanta também a hipótese de que a definição de foco identificacional numa dada língua se obtenha através de um sistema de traços ([+/- exaustivo] e [+/- contrastivo]): cada língua definiria o valor de cada um dos traços, sendo que um ou ambos seriam especificados como positivos. Isto significaria afinal dizer que foco identificacional seria uma operação de quantificação com leitura exaustiva ou com leitura contrastiva. Levando a proposta de Kiss (1998) ao seu limite, ter-se-ia a possibilidade de reduzir foco identificacional a uma operação de quantificação (no caso em que foco identificacional seja definido como [- contrastivo] e [- exaustivo]), já que a identificação como uma operação de quantificação parece ser o elemento definidor deste tipo de foco, numa perspectiva comparativa – há de facto autores, pelo menos Cohan (2000), que argumentam a favor da definição de foco identificacional como uma operação de quantificação, sendo exaustividade e contrastividade características não essenciais.

Veja-se agora que, se reduzirmos foco identificacional a uma operação de quantificação e se tomarmos o traço de exaustividade sugerido por Kiss (1998) como definidor não de uma língua mas de itens lexicais e de estruturas na língua, poderemos tomar este sistema de traços como relevante para a explicação da emergência não contemporânea de *também* e *só* no processo de aquisição do PE: a emergência de *também* corresponderá à aquisição de estruturas de quantificação; a emergência de *só* corresponderá à aquisição de estruturas associadas a um traço de exaustividade. Concebendo um sistema de traços associados como em (17) e sendo o traço de exaustividade um traço dependente, a sua aquisição mais tardia corresponderia a um reflexo da hierarquização de traços na ordenação de estádios no processo de aquisição: traços dependentes emergiriam / seriam especificados mais tardiamente.



4.3. Respostas adverbiais e próclise induzida por advérbios

Os dados da aquisição do PE por Inês I permitem ainda mostrar que nada no processo de aquisição indicia uma relação forte entre a derivação de respostas adverbiais e a derivação de próclise induzida por advérbios: os únicos contextos de co-ocorrência, nos dados, de clítico e advérbio proclisador resultam num padrão agramatical (*ADV CL V); este padrão agramatical regista-se aos 3;0.15 com o

advérbio “também”⁷, ocorrendo o mesmo advérbio em respostas mínimas desde os 2;5.24. Estes dados vão ao encontro dos que são apresentados em Duarte, Matos & Faria (1995).

5. Conclusão

Verificou-se que os dados de aquisição do PE permitem argumentar a favor de (i) diferente natureza dos diferentes tipos de resposta mínima; (ii) diferente natureza de respostas afirmativas e negativas (em geral ou apenas nos estádios iniciais de aquisição); (iii) diferente natureza de diferentes tipos de resposta mínima adverbial. Os mesmos dados permitem ainda levantar hipóteses sobre a relação entre sucessão de estádios e aquisição de projecções funcionais bem como de traços com relevância sintáctica.

Referências

- Bloom, L., L. Hood, & P. Lightbown (1974). Imitation in language development: If, when and why. *Cognitive Psychology*, 6: 380-420.
- Bloom, L., P. Lightbown & L. Hood (1975). Structure and variation in child language. *Monographs of the society for Research in Child Development*, 40 (Serial No. 160).
- Chomsky, N. & H. Lasnik (1993). The Theory of Principles and Parameters. In Jacobs, J. et al. (eds.) *Syntax: An International Handbook of Contemporary Research*. Berlin / New York: Walter de Gruyter.
- Cohan, J. (2000). Reconsidering Identificational Focus. *NELS* 31.
- Costa, J. (1996). “Adverb positioning and V-movement in English: some more evidence. *Studia Linguistica*, 50.
- Cyrino, S. & G. Matos (2002). “VP ellipsis in European and Brazilian Portuguese – a comparative study.” Paper presented at the 12th Colloquium on Generative Grammar. Lisbon.
- Duarte, I., G. Matos & I. Faria (1995). Specificity of european portuguese clitic in romance. In I. Faria & M. J. Freitas (eds.) *Studies on the Acquisition of Portuguese*. Lisboa: APL / Colibri.
- Freitas, M. J. (1997). *Aquisição da estrutura Silábica do Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa.
- Kiss, Katalin É. (1998). “Identificational Focus versus Information Focus”. *Language. Journal of the Linguistic Society of America*. 74.2: 245-273
- Hyams, N. (1992). The genesis of clausal structure. In Meisel (ed.). *The Acquisition of Verb Placement*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Laka, I. (1990). *Negation in Syntax. On the Nature of Functional Categories and Projections*. Ph.D. Dissertation. Cambridge: MIT Working Papers in Linguistics.
- López, Cristina Sánchez (1999). “Los cuantificadores: clases de cuantificadores y estructuras cuantificativas. In I. Bosque & V. Demonte (eds.) (1999). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe.

⁷ Não se apresenta aqui a tabela com a totalidade dos dados por razões de espaço.

- Martins, A. M. (1994). *Os Clíticos na História do Português*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa.
- (1996). A colocação dos clíticos e a relevância da categoria sigma. In Duarte & Leiria (eds.). *Congresso Internacional sobre o Português: Actas*. Lisboa: APL / Colibri.
- MacWhinney, B. & C. Snow (1985). The child language exchange system. *Journal of Child Language*. 12, 271-296.
- Meisel, J. & N. Müller (1992). Finiteness and verb placement in early child grammars: evidence from simultaneous acquisition of French and German in bilinguals. In Meisel (ed.). *The Acquisition of Verb Placement*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Sachs, J. (1983). Talking about the there and then: The emergence of displaced reference in parent-child discourse. In K. E. Nelson (ed.). *Children's Language*. Vol. 4. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Santos, A. L. (2001). Respostas a interrogativas globais e contextos de próclise: a questão dos advérbios. Comunicação apresentada no XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística.
- (em preparação) The acquisition of answers to yes – no questions in European Portuguese: syntactic, discourse and pragmatic factors.
- Soares, Carla (no prelo). The C-domain and the acquisition of European Portuguese: the case of *wh*- questions. *Probus*.